



Fundado no Sesquicentenário
da Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL

23 anos do IHTRGS

Ano 2003 Bicentenário do Duque de Caxias Nº 12

A CASA DAS 7 MULHERES (A História e a Fantasia)

Cláudio Moreira Bento(x)

Gaúcho natural da Serra dos Tapes onde se encontra a cidade de Piratini e Canguçu, o seu distrito de mais perigo e mais farrapo" durante a Revolução Farroupilha 1835-45 e, além, autor do livro O Exército Farrapo e os seus Chefes em 1991 e outros sobre o assunto, cabe-me fazer algumas considerações históricas sobre o magnífica mini série A Casa das 7 mulheres da Globo que vem com traje de gala divulgando a Revolução Farroupilha, onde possui suas raízes a República Federativa do Brasil implantada há 114 anos.

A minisérie atende em seu miolo ou espinha dorsal ,até agora ,o desenvolvimento histórico da Revolução Farroupilha.

Mas como disse seu diretor Jaime Monjardin "ela possui 40 % de História e 60 % de fantasia". E aproveitou um tema histórico e o vestiu de gala com toda a pompa e circunstância e de forma notável.

No tocante a Fantasia como elemento notável para atrair os telespectadores e passar-lhes o essencial da História, usou recursos inexistentes na época e tudo, por conta da citada e louvável fantasia.

Exemplos: O uso de lenços vermelhos e brancos pelos farrapos e imperiais, um costume que remonta a Guerra Civil na Região do Sul 1893-95. O cenário lindíssimo dos Aparados da Serra onde a revolução não chegou. Luxo nas estâncias, casas e igrejas incompatível com aspecto espartano das mesmas do que a estância de Bento Gonçalves em Cristal-RS , hoje Parque Histórico em sua memória é um exemplo. Imperiais entrando a cavalo dentro de uma igreja quando os santos no Império eram mais respeitados que os próprios generais e a canção do Exército era a de N. S. da Conceição a sua padroeira. Era raro o uso de carroças e sim carretas. E não existiam carruagens que só aparecem em Pelotas por volta de 1865 .

Os Farrapos não possuíam uniformes conforme abordamos no livro citado e nem usavam bigodes. As casas não possuíam vidraças o que só apareceria mais tarde. Tanto que o Ministro de Fazenda Domingos de José de Almeida, mineiro de Diamantina, levava em suas viagens em sua carretinha, uma pequena janela com vidraças para instalar nos locais onde montava o seu escritório itinerante.

Aliás ele não foi ainda citado bem como os cariocas João Manoel Lima e Silva e José Mariano de Matos, oficiais com curso na Escola Militar do Largo de São Francisco.

A estes três se deve a idéia depois da vitória de Seival da proclamação da República Rio Grandense em 11 Set 1836 em Campo do Menezes pela Brigada Liberal de Antônio Netto e composta de 4 esquadrões mobilizados em Piratini, Canguçu, Cerrito e Bagé .

João Manoel foi o primeiro general farroupilha e foi assassinado pelos imperiais em São Borja e de lá trasladado para Caçapava do Sul e ali espalhados seus ossos pelos campos por imperiais. Era tio do futuro Duque de Caxias. José Mariano de Matos foi Ministro da Guerra Farrapo, vice presidente da República e seu presidente interino e autor do brasão farrapo e adotado desde 1891 pelo Constituinte Gaúcha. Ao fim da Revolução foi Ajudante General de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 e terminou como Ministro da Guerra do Império em 1864.

A minisérie exagerou nas tintas revolucionárias ao tratar do maior general do período, o sorocabano General Bento Manoel Ribeiro que assim foi defendido pelo grande Osvaldo Aranha.

"Bento Manoel, o grande farroupilha foi até certo ponto a figura mais caluniada da nossa história. Não lhe compreendiam as aparentes variações e transigências . Não lhe perdoavam o monarquismo destoante do espírito da Revolução. Investigações mais profundas permitiram resgatar a verdadeira figura moral do soldado. Bento Manoel é um dos maiores tipos do Rio Grande. Guerrilheiro e soldado, a sua fé de ofício não inveja a de ninguém. Lutou pelo Rio Grande sem nunca perder de vista a Integridade do Brasil".

Concordamos com Osvaldo Aranha e na História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada estamos abordando os argumentos em que ele justificou suas atitudes e que nunca foram ouvidos e considerados e sim abafados por esta quadro popular no folclore gaúcho.

**"Pode um altivo humilhar-se
pode um teimoso ceder,
pode um pobre enriquecer,
pode um pagão batizar-se
pode um avaro emprestar,
um lascivo confessar-se.
tudo pode ter perdão!
Só Bento Manoel não"**

Lamento a abordagem exagerada da figura de Bento Manoel pela minisérie, que se reflete negativamente em seus descendentes que por ai se encontram , merecendo destaque o General Bento Ribeiro, hoje nome de um bairro no Rio e que como Chefe do Estado-Maior do Exército criou a célebre Missão Indígena da Escola Militar do Realengo (1919-1921).

Não sabemos em que fontes a minisérie buscou apoio, pois não vi a mesma referir-se a nenhuma delas, o que me parece seria ético e justo que o fizesse, como homenagem a todos aqueles que com suas pesquisas possibilitaram os argumentos para Jaime Monjardin. Isto fortaleceria a democracia e o direito à propriedade intelectual. Fica o registro! Não chego ao ponto de alguns escritores classificarem esta ausência de referência a seus trabalhos de pirataria intelectual. Talvez a autora do romance A casa das 7 mulheres tenha feito em seu livro.

Em 1971 produzimos o livro **A Grande Festa lanceiros**, focalizando a inauguração do Parque Histórico Osório em Tramandai e nele ,em razão de replica do barco Seival ali colocado, resgatamos o feito épico do transporte dos barcos Seival e Farroupilha, da Lagoa dos Patos ao Atlântico. E junto às histórias de Garibalda, Anita, e do norte-americano John Grigs, esquecido na minisérie em sua grandeza e que atuou como construtor e comandante do barco Seival, em cujo comando encontrou a morte na batalha naval de Laguna. E mais os esquecidos lanceiros negros farrapos e seu líder o Cel Joaquim Teixeira Nunes, natural de Canguçu e considerado pelo General Tasso Fragoso como "a maior lança farrapa."

Isto nos fez sugerir neste livro, então pela presença de Garibaldi, John Grigs e Anita, um consórcio cinematográfico Brasil, EUA e Itália para fazer um filme que hoje a minisérie está fazendo com grande brilho e que nos enche de orgulho.

A novela é magnífica. Os reparos correm por conta do tratamento injusto de Bento Manoel na minisérie e ela, em seu excelente trabalho, não mencionou os historiadores que ajudaram a fazer o seu trabalho preservando a memória desta revolução.

E o que a Globo realizou é do agrado geral, menos para os descendentes do General Bento Manoel, apresentado como um homem diabólico sem levar em conta o quanto lhe devem à Unidade, à Soberania e à Integridade do Brasil e mesmo à expansão do Brasil no Sul de 1801 a 1828. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação!

E por último: a Revolução Farroupilha conforme demonstramos no livro citado foi feita pela guarnição do Exército do Rio Grande, a maior da época, em apoio aos fazendeiros e charqueadores que integravam a Guarda Nacional que era comandada por Bento Gonçalves.

As 6 unidades do Exército que guarneciam a Província se revoltaram: 1 de Infantaria, 1 de Artilharia e 4 de Cavalaria.

Bento Manoel e Bento Gonçalves eram oficiais de Estado Maior do Exército e vinham de comandar a Cavalaria de Rio Pardo e Jaguarão. Só o comandante do 2º RC de Bagé não se revoltou e o Ten Osório, hoje patrono da Cavalaria, aderiu à revolução e conduziu seu comandante até a fronteira.

Sintetizando, a minisérie satisfaz a História em sua espinha dorsal e a fantasia no esplendor de suas imagens onde ressaltam gravuras da época de Porto Alegre e Rio Grande, que conseguiram movimentar, dando uma impressão de realismo, acredito que por conta do gênio de Hans Donner. Vamos aguardar o que vem por aí. E como Caxias (o seu pacificador) será tratado historicamente na minisérie em seu bicentenário de nascimento em 2003? ocasião em que lançaremos o livro "Caxias e a Unidade Nacional" reverenciado-o como patrono da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

(x) Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul